

AQUISIÇÃO DO HEBRAICO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA E
AS ESTRATÉGIAS DO PROCESSAMENTO DA FLEXÃO DE GÊNERO
ACQUISITION OF HEBREW AS A FOREIGN LANGUAGE AND
STRATEGIES OF GENDER INFLECTION PROCESSING

Candido Sousa da Silva (Mestre em língua hebraica - USP)

candidosousa@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo investiga como os alunos do nível inicial constroem conhecimento na aquisição do hebraico como língua estrangeira (L2), tendo em vista que este apresenta várias particularidades não presentes no português (L1). Para exemplificarmos e discutirmos a questão da transferência de valores dos parâmetros de L1, nosso estudo se baseia na análise da flexão de gênero com o intuito de investigar se a flexão de gênero no hebraico possui um caráter mais universal ou mais particular.

PALAVRAS-CHAVE

Transferência, Parâmetros, Hebraico, Português, Morfologia

ABSTRACT

This study investigates how beginner students build knowledge in the acquisition of Hebrew as a foreign language (L2), considering that it has many features that are not present in Portuguese (L1). In order to exemplify and discuss the transfer of the L1 parameter values, our study is based on the analysis of gender inflection with the aim of examining whether the gender inflection in Hebrew has a more universal or a more particular character.

KEY- WORDS

Transfer, Parameters, Hebrew, Portuguese, Morphology

INTRODUÇÃO

A construção e a produção do conhecimento têm constituído um ponto de profundas reflexões no campo dos estudos acadêmicos sobre o processo ensino-aprendizagem, em especial no que se refere ao aprendizado de língua estrangeira (L2). Tais reflexões acentuam-se, substancialmente, nas discussões em torno da aquisição de L2, na perspectiva da relação desta com a língua materna (L1). Essa perspectiva nos remete ao questionamento, que é muito frequente entre os linguístas, sobre o status da L2 aprendida na fase adulta.

Segundo BRONCKART (1999), a linguagem, como produto da interação social, tem sua organização baseada em textos ou discursos. Toda língua apresenta-se como uma acumulação de textos e de signos nos quais está cristalizado o produto das relações elaboradas com o meio e negociadas pelas gerações anteriores. A atividade da linguagem, nesse contexto, é construída na interação com o outro, materializando-se no exercício empírico da fala e da escrita, sendo a língua aprendida através das produções verbais efetivas, que assumem aspectos diversos, principalmente por serem articuladas a situações de comunicação muito diferentes.

Há muito se convencionou que a definição mais geral de leitura seria a “transformação de rabiscos em ideias” (COSCARELLI, 2002), embora seja esta uma visão bastante reducionista do complexo processo da leitura. Além de decodificar os “rabiscos”, o leitor deve ser capaz de realizar atividades de atribuição de significados aos sinais lançados sobre uma superfície, que pode ser desde a pedra, passando pela folha de caderno etc. Por isso, espera-se que o leitor aprendiz de uma L2 seja capaz de fazer a decodificação lexical e sintática do texto e competente para atribuir significado local, temático e externo ao texto lido.

Por se tratar do estudo de L2, o aprendiz tem acesso aos princípios e parâmetros presentes na língua materna. Assim, ao aprender uma segunda

língua, lançaria mão dessas estratégias para a solução de problemas na L2 (cf. SCHACHTER, 1989).

Ao discutir as possíveis implicações e rupturas no processo em questão, busco como referência um enfoque da interface dos estudos de L2, cujo ensino é uma tarefa que envolve não somente a apreensão da fonética, morfologia e sintaxe desse idioma, mas a interação do contexto sociolinguístico do aluno com um novo sistema cultural e linguístico do país ou do grupo de falantes. Ao longo desse processo, o aluno busca saber onde e como usar os ensinamentos linguísticos e gramaticais que está recebendo.

Neste aspecto, diante de uma situação de contato intercultural e entre variedades linguísticas, em que a variação de L1 se sobrepõe à variação de L2, entraves linguísticos gerados pelas estratégias e parâmetros trazem fortes consequências para a aquisição e o processamento do novo modelo linguístico.

Diante desta perspectiva, o presente estudo objetiva, através dessas possibilidades, lançar um olhar reflexivo sobre a aquisição do hebraico como língua estrangeira e as estratégias do processamento da flexão de gênero. Assim, o que se põe em pauta neste momento é a ampliação do entendimento de como os alunos do nível inicial constroem o conhecimento em L2. Para tanto, será discutida a importância da atuação de L1 no que tange à flexão de gênero.

Por isso, analiso, em primeiro lugar, o conceito de *flexão de gênero* tal como apresentado por alguns estudiosos, a fim de elucidar possíveis dúvidas em nosso estudo. Discuto, em seguida, as implicações e os conflitos decorrentes da formulação da *flexão de gênero*. Tomando como objeto de análise o processo de aprendizagem do hebraico (L2), procuro analisar as diferenças e as causas de possíveis conflitos gerados na relação entre sistema linguístico, cultura e transferência de parâmetros da língua portuguesa (L1). Do mesmo modo proponho indagar, a partir das questões abordadas, se a flexão de gênero na língua hebraica possui um caráter mais universal ou mais particular.

O estudo em questão, desenvolvido no âmbito do curso de mestrado em Língua Hebraica, surge como recorte de um *corpus* constituído a partir de práticas de língua(gem), em atividades de aquisição de L2, num microcosmo social – universidade, envolvendo, em geral, alunos de graduação do curso de Letras - Português/Hebraico da Faculdade de Letras da UFRJ (2006-2007). O trabalho, constituído num processo de interação social, estava voltado para o desenvolvimento de práticas de aquisição de língua hebraica em sala de aula, com objetivo de construção de um projeto permanente que busca sanar dúvidas e dificuldades no processo-aprendizagem da flexão gênero na língua hebraica.

FLEXÃO E GÊNERO

Câmara Jr. (1984, p. 81) ressalta a importância da distinção entre derivação e flexão¹. Nesta última, há obrigatoriedade e sistematização coerente, uma vez que ela é imposta pela própria natureza da frase, e é *naturalis* no termo de Varrão. Os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequenas margens de variação.

Neves (2005, p. 117), destaca que os gramáticos alexandrinos foram os primeiros a se preocuparem com os sinais gráficos e a flexão, buscando analogias com base na identidade das formas sonoras. Vejamos como Lyons descreve a categoria de gênero:

O termo gênero (...) deriva de uma palavra extremamente geral que significa "classe" ou "tipo", do latim *genus*: os três gêneros do grego e do latim eram as três grandes classes nominais que a gramática reconhecia. Do ponto de vista gramatical, os substantivos gregos e latinos eram classificados em três

¹ Segundo Câmara Jr. (1984, p. 81), o gramático latino Varrão (116 aC – 26 aC) fazia distinção entre o processo de *derivatio voluntária*, que cria novas palavras, e a *derivatio naturalis*, para indicar modalidades específicas de uma dada palavra.

gêneros para dar conta de dois fenômenos distintos: 1) a referência pronominal; 2) a concordância do adjetivo. (1979, p. 78²)

Neves (2005, p. 198) destaca que foi Protágoras quem distinguiu os três gêneros dos nomes, masculino (*árren*), feminino (*thély*) e neutro (*skeûos*). Os estoicos foram, provavelmente, os que compreenderam a operação de concordância em gênero e perceberam a falta de correspondência entre gênero e sexo³, apontando como função do artigo indicar o gênero e o número do nome a que se junta. Waltke (2006, p. 97) ressalta que Aristóteles (384-322 aC) prosseguiu ao listar as terminações típicas de cada gênero, assim classificando os nomes de acordo com suas inflexões ou acidente.

Laroca (1994, p. 45) sustenta que o morfema de gênero é uma categoria gramatical⁴ que divide os nomes em masculinos e femininos, ou seja, trata-se de uma categorização inerente ao substantivo, na maioria das vezes independente do seu significado ou marca fonológica.

Câmara Jr (1984, p. 88) alerta que gênero é uma distribuição em classes mórficas, para os nomes, da mesma sorte que o são as conjugações para os verbos. No entanto, temos que ressaltar que a oposição masculino/feminino serve frequentemente para distinguir os nomes por certas qualidades semânticas e que, do ponto de vista semântico, o gênero masculino é uma

² CAMARA JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

³ Segundo Neves (2005, p. 105) a noção de gênero masculino surge através do “conceito de anomalia”, no qual a classificação das palavras como masculinas deriva de suas formas, sem considerar seus significados. Segundo Waltke (2006, p. 97), os gramáticos inovadores e criativos da escola sofista anteciparam as terminações dos linguistas modernos pela observação de dois princípios no campo do gênero: (1) o gênero formalmente marca a *concordância* entre palavras em alguns tipos de frases em outros grupos sintáticos, e (2) a correspondência entre gênero (linguístico) e sexo (natural) é apenas parcial.

⁴ Segundo Chomsky (1966, p. 87) apud Câmara Jr. (1984 p. 87-96), a descrição gramatical deve ser completada com as informações de um dicionário, ou léxico, entendido como destinado a “todas as propriedades de um formativo que são essencialmente idiossincráticas” e que assim “consiste de uma série não-ordenada de entradas lexicais e certas regras redundantes”.

forma geral não-marcada em contraste com o feminino, que, em geral, é marcado por um sufixo flexional em posição átona final.

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE L1 (PORTUGUÊS) E L2 (HEBRAICO)

Conforme observamos anteriormente, o estudo sobre gênero remonta a épocas remotas, quando filósofos e estudiosos, através de suas pesquisas etimológicas, que constituíam uma investigação teórica, chegavam a efetuar uma manipulação empírica de dados linguísticos.

Segundo Waltke (2006, p. 95), o gênero é uma categoria de muitas línguas e desempenha um papel importante na estrutura do hebraico, assim como em outras línguas semíticas, distinguindo-se formalmente em dois grupos, *masculino* e *feminino*. No entanto, esta distinção é usada para nomes (tanto adjetivos quanto substantivos), pronomes, verbos, números etc.

Pautados na tradição gramatical, os estudiosos de L1 descrevem para nós a conceituação e funcionalidade da flexão de gênero, na qual, de igual modo, só encontramos dois gêneros, o masculino, que segundo as gramáticas de língua portuguesas o masculino é o termo não marcado, e o feminino como termo marcado pela desinência –a.

Na língua hebraica, assim como em L1, o gênero masculino não possui sinal característico em oposição ao feminino, cuja marca morfológica se caracteriza pela desinência ך- [- á] ou ת- [- t], em posição tônica final, excetuando ת- [-e t], que se apresenta como átona final nos participios presente.

ANÁLISE:

A maioria dos nomes substantivos, em português, tem gênero único, ou seja, inerente, não possuindo a flexão de gênero. Ex.: casa, mesa, noite, cadeira, cobra, flor.

Assim como em português, em hebraico temos a presença de vários substantivos cujos gêneros são inerentes. Ex.: בית, שלחן, לילה, כיסא, נחש, פרח.

Se observamos os exemplos de L1 (português) usados aqui, trata-se de palavras reconhecidas pelo aprendiz/falante como pertencentes ao gênero feminino, o que realmente são. Contudo, os exemplos de L2 (hebraico) são todos respaldados pelo léxico como nomes masculinos. Dentro do contexto de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, espera-se que o aluno que facilmente reconhece as estruturas de L1 o faça com L2, uma vez que as duas são evidenciadas pela Gramática Universal. No entanto, este mesmo aluno, quando inserido neste contexto, transfere para L2 todas as estratégias linguísticas de L1, como podemos evidenciar nos exemplos abaixo:

Estrutura realizada (incorreta)	Estrutura esperada (correta)
<p style="text-align: center;">הבית יפה.</p> <p style="text-align: center;"><i>habayit yafá.</i></p> <p>Tradução literal – A casa é bonita.</p> <p style="text-align: center;">*Frase agramatical</p>	<p style="text-align: center;">הבית יפה.</p> <p style="text-align: center;"><i>habayit yafé.</i></p> <p>Tradução literal – O casa é bonito⁵.</p> <p>Trad. em Port. – A casa é bonita.</p>

⁵ Na língua hebraica, assim como em outras línguas, não há distinção de gênero para o artigo definido. Desta forma, para acentuar a estrutura do hebraico, na tradução literal optamos pelo uso do artigo masculino com o intuito de enfatizar que a palavra que o acompanha está inserida na categoria de gênero masculino.

Estrutura realizada (incorreta)	Estrutura esperada (correta)
<p style="text-align: center;">* לילה טובָה!</p> <p style="text-align: center;"><i>layla tová!</i></p> <p>Tradução literal – Boa noite!</p> <p style="text-align: center;">*Frase agramatical</p>	<p style="text-align: center;">לילה טוב!</p> <p style="text-align: center;"><i>layla tov!</i></p> <p>Tradução literal – Bom noite⁶.</p> <p>Trad. em Port. – Boa noite.</p>

Ao aluno ao realizar tal operação linguística, o aluno tem como referência L1, o que acarreta as seguintes consequências:

1- O aluno transfere valores semânticos de L1 para L2, uma vez que em português os vocábulos usados correspondem a palavras femininas. Como podemos observar nos exemplos, o processamento linguístico contaminado por L1 entende tanto לילה⁷ *layla* (noite) quanto בית⁸ *bayit* (casa) como se fossem palavras genuinamente femininas.

2 - O fato de tais palavras possuírem formas finais parecidas com as desinências de gênero em hebraico, conforme explicitado anteriormente, leva o aprendiz ao erro inicial de considerá-las estas palavras como pertencentes ao gênero feminino.

⁶ Como לילה *layla* (noite) é um termo masculino na língua hebraica, assim como no exemplo anterior para acentuar a estrutura da língua, na tradução literal optamos pelo uso de um termo no masculino (o adjetivo “bom”) em conformidade com o gênero explícito no substantivo לילה (noite).

⁷ No caso desta palavra temos a presença de um metaplasmo que os gramáticos vão nomear como “Hei paragógico”, isto é, um acréscimo à palavra, que não altera sua raiz nem seu significado. Por isso, esta palavra é masculina.

⁸ Neste caso, temos a regra fonética entrando em questão, apesar de “ter uma suposta terminação feminino”, o que na realidade faz parte da raiz, a “suposta” terminação não seria marca de feminino, pois não é uma sílaba tônica final.

Existe, no português, um grupo suscetível de flexão redundante. Nesses casos, o morfema masculino é representado pelos alomorfes /O ~ E ~ Ø / em oposição ao morfema feminino, representado pelo morfe –a, em posição átona final.

Ex.: / Ø / leitorØ – leitora;
 / O / menino – menina;
 / E / elefante – elefanta.

Como observamos anteriormente, na língua hebraica, assim como em português, o gênero masculino não possui uma marca em oposição à marca de feminino. Contudo, Waltke (2006, p. 95) afirma que esta distinção é usada para nomes (tanto adjetivos quanto substantivos), pronomes, verbos, números etc. Ex.:

<i>Fem. ~ Masc.</i>	<i>Masc. ~ Fem.</i>
תלמידה ~ תלמיד	alunO ~ alun <a>a
מנהלת ~ מנהל	diretorØ ~ diretora
יפה ~ יפה	bonitO ~ bonita
את ~ אתה	tu/você ~ tu/você
רוצה ~ רוצה	quero/quieres/quer ~ quero/quieres/quer
לומדת ~ לומד	estudo/estudas/estuda ~ estudo/estudas/estuda
שלושה ~ שלוש	seis ~ seis

Mais uma vez em nosso estudo comparativo, os exemplos descritos em L1 (português) geram no estudante as diretrizes de termos marcados e termos não marcados, no que tange à flexão de gênero, e o mesmo ocorre em L2 (hebraico). Porém, cabe ressaltar que em L2 existem certas peculiaridades não presentes em L1, tais como a flexão de gênero nos paradigmas verbais, na flexão de número (singular/plural), nos pronomes pessoais, nos numerais cardinais, nos pronomes possessivos etc, além da presença da polarização de gênero nos numerais cardinais e nos plurais de alguns nomes substantivos, característica inerente à maioria das línguas semíticas.

Dentro deste ambiente de interlinguístico de L1 e L2, o aprendiz, confuso por não reconhecer as estruturas e parâmetros semelhantes na L1, consolida as teorias de LEIRIA (1996) e de FRANÇA (1997). Estes prevêm que aquilo que é mais marcado, inter e intralinguisticamente, será adquirido depois do que não é marcado e demonstram a contaminação por L1 de mecanismos de aquisição de L2, pelo fato de suas estratégias de processamento serem influenciadas por outras específicas da L1. Isto é demonstrado nos exemplos abaixo:

Estrutura realizada (incorreta)	Estrutura esperada (correta)
<p>אתָּ לומדָּה פה? <i>atá lomedá pó?</i></p>	<p>אתה לומד פה? <i>atá lomed pó?</i> (você [<i>masc.</i>] estuda aqui?)</p>
<p>אתָּ לומדֵשׁ היום? <i>at lomed hayom?</i></p>	<p>את לומדת היום? <i>at lomedet hayom?</i> (você [<i>fem.</i>] estuda hoje?)</p>
<p>אתָּ לומדָּה היום? <i>at lomedá hayom?</i></p>	<p>את לומדת היום? <i>at lomedet hayom?</i> (você [<i>fem.</i>] estuda hoje?)</p>

Estrutura realizada (incorreta)	Estrutura esperada (correta)
מה אתָּ הַ רוֹצֵה? <i>má atá rotsá?</i>	מה אתה רוֹצֵה? <i>má atá rotsé?</i> (o que você [masc.] quer?)
שלוֹשׁ הַ תּלְמִידָה. <i>sheloshá talmidá?</i>	שלוֹשׁ תּלְמִידוֹת. <i>shalosh talmidot?</i> (seis [fem.] alunas)
שלוֹשׁ הַ תּלְמִידוֹת. <i>sheloshá talmidot?</i>	שלוֹשׁ תּלְמִידוֹת. <i>shalosh talmidot?</i> (seis [fem.] alunas)
שֵׁשׁ הַ סְפָרִים. <i>shishá sefarim?</i>	שֵׁשׁ סְפָרִים. <i>Shesh sefarim?</i> (seis [masc.] livros)

Nos casos anteriores, percebemos que o “erro” do aluno ocorre porque este, sabendo que a terminação הַ- [- á] é geralmente descrita como a principal característica do gênero feminino em hebraico, utiliza a mesma como referência para o uso da concordância flexional de gênero, e, deste modo, comete sérios equívocos no que tange às estratégias inerentes ao ensino de hebraico como L2.

O uso da flexão de gênero para os verbos, caso não atestado na língua portuguesa, nos permite observar nos primórdios do aprendizado dos alunos uma incoerência e confusão no uso verbal. Além disso, o fato de pronome pessoal da segunda pessoa masculino singular ter como terminação uma forma parecida e a acentuação tônica do gênero feminino leva o aprendiz a cometer erros de concordância.

O artigo, um mecanismo preciso e nítido no português, tem a função significativa de marcar, explícita ou implicitamente, o gênero dos nomes substantivos. No entanto, na língua hebraica, este mesmo mecanismo é desprovido de qualquer flexão, seja ela de gênero ou de número. Desta forma,

podemos perceber a perda de mais um argumento que proporcionaria ao aluno a confiança no momento de realizar a flexão de gênero quando está interagindo em hebraico como língua estrangeira.

Há muito que estudar ainda sobre a flexão de gênero e suas implicações no ensino-aprendizagem de hebraico como L2. Nesta pequena análise, observamos que, apesar de L2 e L1 estarem relacionadas com GU, L1 se sobrepõe a L2 em fases iniciais de aquisição. No entanto, avaliando o aprendizado ao longo do tempo observamos que a familiaridade com o idioma transforma o aluno, que deixa de transferir os parâmetros de sua L1 para a língua hebraica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos discursivos. Por um interacionismo sócio- discursivo*. SP: EDUC, 1999.

CAMARA Jr., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de Términos Filológicos*. Madrid: Gredos, 1974.

COSCARELLI, C. Entendendo a leitura. In: NARO, A. J. et al. (Eds.) *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 10, nº 1, jan.-jun. 2002.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dictionnaire de Linguistique et des Sciences du Langage*. Paris: Larousse, 1994.

FERNÁNDEZ, E. M. Processing strategies in second language acquisition: some preliminary results. In E.C. Klein and G. Martohardjono (eds.), *The development of second language grammars: a generative approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

FRANÇA, A. I. Comparação entre aquisição de português e inglês como LE. In: COUTO, H. H. (Org.). *Papia*, Brasília: Universidade de Brasília, v. 9, p. 43-51, 1997.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique. Dictionnaire Raisoné de la Théorie du Langage*. Paris: Hachette, 1979.

KERR, Guilherme. *Gramática elementar da língua hebraica*. RJ: JUERP, 1979.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora, UFJF, 1994.

LEIRIA, Isabel. Aquisição de Língua não-materna. Um exemplo: o Aspecto Verbal in Faria, H.I. & al. *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1996.

LYONS, J. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; USP, 1979.

MARTIN, Robert. *Para entender a Lingüística*. SP: Parábola Editorial, 2003.

SCHACHTER, J. Testing a proposal universal. In: GASS, S.; SCHACHTER, J. (Eds.) *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 73-88.

TRASK, R. L. *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*. London; New York: Routledge. 1993

WALTKE, Bruce K. *Introdução à sintaxe do hebraico bíblico*. SP: Cultura Cristã, 2006.